

## **RELATÓRIO N° , DE 2012**

Da **COMISSÃO DE RELAÇÕES EXTERIORES E DEFESA NACIONAL**, sobre a Mensagem nº 99, de 2012 (Mensagem nº 498, de 5/11/2012, na origem), da Senhora Presidenta da República, que *submete à apreciação do Senado Federal a escolha da Senhora MARIA LUIZA RIBEIRO VIOTTI, Ministra de Primeira Classe da Carreira de Diplomata do Ministério das Relações Exteriores, para exercer o cargo de Embaixadora do Brasil junto à República Federal da Alemanha.*

**RELATOR:** Senador **PAULO BAUER**

Esta Casa do Congresso Nacional é chamada a opinar sobre a indicação que a Senhora Presidenta da República faz da Senhora **MARIA LUIZA RIBEIRO VIOTTI**, Ministra de Primeira Classe da Carreira de Diplomata do Ministério das Relações Exteriores, para exercer o cargo de Embaixadora do Brasil junto à República Federal da Alemanha.

A Constituição atribui competência privativa ao Senado Federal para examinar previamente, por voto secreto, a escolha dos Chefes de Missão Diplomática de caráter permanente (art. 52, inciso IV).

O Ministério das Relações Exteriores, atendendo a preceito regimental, elaborou *curriculum vitae* da diplomata indicada, do qual extraímos para este Relatório as informações que se seguem.

Nascida em Belo Horizonte, em 27 de março de 1954, filha de José Carlos Ribeiro e Dirce Neves Ribeiro, a Sra. **MARIA LUIZA RIBEIRO VIOTTI**, concluiu o Curso de Preparação à Carreira de Diplomata do Instituto Rio Branco em 1975 e ingressou na carreira no posto de Terceira Secretária no ano seguinte. Graduou-se em Ciências Econômicas pela Associação de Ensino Unificado de Brasília em 1978 e recebeu o grau de Mestre em Economia pela Universidade de Brasília em 1981. No Instituto Rio Branco, concluiu o Curso de Altos Estudos em 1995, com a dissertação denominada “O gás nas relações Brasil-Bolívia”.

Ascendeu a Conselheira em 1990; a Ministra de Segunda Classe em 1997; e a Ministra de Primeira Classe em 2006. Sempre por merecimento.

Entre as funções desempenhadas na Chancelaria destacam-se as de assessora da Subsecretaria-Geral de Assuntos Políticos Multilaterais e Especiais, em 1988; Coordenadora-Executiva do Gabinete do Ministro de Estado, em 1990; Professora de História das Ideias Políticas no Instituto Rio Branco, em 1992; Subchefe da Secretaria de Imprensa do Gabinete, em 1995; Chefe da Divisão da América Meridional I, em 1996; Diretora do Departamento de Direitos Humanos e Temas Sociais, em 1994; e Diretora do Departamento de Organismos Internacionais, em 1996.

No Exterior, exerceu, entre outros, o cargo de Conselheira na Embaixada em La Paz, em 1993; Ministra-Conselheira na Missão junto à ONU, Nova York, em 1999; Embaixadora-Representante Permanente na ONU, em 2007; e Chefe da Delegação do Brasil no Conselho de Segurança da ONU, de 2010 até a presente data.

Desempenhou ainda numerosas e importantes funções em missões temporárias, tendo sido membro e chefe de delegação de diversas sessões de negociação dos organismos internacionais e de conferências diplomáticas.

A Diplomata indicada é portadora da Medalha da República Oriental do Uruguai; da Ordem do Mérito Militar, do Brasil; da Ordem de Bernardo O' Higgins, do Chile; da Medalha Mérito Tamandaré, do Brasil; da Ordem do Mérito Aeronáutico, do Brasil; e da Ordem de Rio Branco, do Brasil.

Quanto à República Federal da Alemanha, importa registrar nesse relatório algumas informações básicas sobre aquele país e ressaltar alguns aspectos sobre o relacionamento bilateral com o Brasil.

A Alemanha, uma república federal parlamentarista, tem população de 81,3 milhões de habitantes (estimativa para julho de 2012) numa área de 357 mil km<sup>2</sup>. Seu produto interno bruto PPP é de 3,08 trilhões de dólares, o que lhe proporciona um PIB per capita PPP de 37,935 mil dólares (dados de 2011).

O relacionamento entre o Brasil e a Alemanha é sólido e denso. Há ampla convergência de percepções, valores e interesses, o que tem permitido atuar conjuntamente em questões globais, como em temas relacionados ao meio ambiente e à reforma do Conselho de Segurança das Nações Unidas. O tom do relacionamento é positivo, inexistindo problemas significativos entre os dois países.

No cenário de uma União Europeia em severa crise econômica, percebe-se recrudescimento da influência alemã na tomada de decisões do continente. A pujança da economia alemã tem fortalecido sua voz em assuntos não apenas econômicos, mas também no cenário político internacional.

O processo de fortalecimento da Alemanha e de enfraquecimento de seu entorno tem motivado o Governo alemão a iniciar movimentos visando a restabelecer prioridades em sua política externa. Destaca-se, nesse contexto, a relevância conferida à América Latina e, especialmente, ao Brasil.

As relações econômicas entre o Brasil e a Alemanha são exemplo de investimento e integração, por parte de empresas de um país industrializado, no sistema produtivo de um país em desenvolvimento. A estabilidade econômica e política apresentada pelo Brasil e o dinamismo de nossa economia abrem espaço para aprimorar essa relação, principalmente pela agregação de valor aos produtos e processos gerados no Brasil e o consequente ganho de competitividade nos mercados internacionais.

As dificuldades econômicas enfrentadas pelos tradicionais parceiros da Alemanha na Europa e na América do Norte têm reforçado o interesse daquele país no aprofundamento dos laços com grandes países em desenvolvimento, como o Brasil.

Com efeito, em 2010, as exportações alemãs para os países do BRICS (Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul) aumentaram 36% em comparação com o ano anterior, taxa consideravelmente superior ao

aumento verificado nas vendas alemãs para as demais economias da Zona do Euro (14,3%) e para os demais países-membros da UE (18%). Em 2011, os mercados emergentes figuraram, igualmente, como os destinos mais dinâmicos para as exportações alemãs. A China, por exemplo, já é o quinto maior mercado para os exportadores da Alemanha e há previsões de que o país asiático se torne o segundo maior comprador de produtos alemães em 2012.

As exportações para os grandes países em desenvolvimento desempenharam papel-chave na recuperação da economia alemã da crise financeira internacional de 2008/2009. Com uma economia robusta e inovadora, cada vez mais dissociada do desempenho menos dinâmico de seus vizinhos europeus (recente relatório da OCDE previu, por exemplo, que, a despeito das dificuldades dos demais países europeus, deve haver crescimento do PIB alemão de 0,5% em 2012 e de 1,9% em 2013), a Alemanha tem, no Brasil, um dos caminhos alternativos mais promissores à luz das incertezas nos tradicionais mercados para suas exportações.

A Alemanha é o quarto maior parceiro comercial do Brasil após a China, Estados Unidos e Argentina, com intercâmbio de US\$ 24,3 bilhões em 2011, o que representou aumento de 17,2% em relação aos valores do ano anterior. O dinamismo das trocas bilaterais fica mais evidente ao ter-se em conta que, nos últimos cinco anos, a corrente de comércio entre os dois países aumentou 52,7%.

Pelo lado da oferta, as exportações brasileiras para a Alemanha registraram crescimento de 11,1% no último ano e ultrapassaram o inédito patamar de US\$ 9 bilhões. Nessas condições, a Alemanha figurou como o

sexo mercado para as exportações brasileiras. No âmbito da União Europeia, a Alemanha foi o segundo destino para os produtos brasileiros (após a Holanda), absorvendo 17,1% do total das vendas brasileiras para aquele bloco em 2011.

A pauta das exportações brasileiras vem mostrando tendência à concentração em produtos de menor valor agregado. Em 2011, segundo dados preliminares do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC), os produtos primários detiveram participação de 55% no total das exportações, ao passo que a participação dos itens manufaturados limitou-se a 34%. A pauta mostrou-se, ainda assim, bastante diversificada, tanto em número de produtos como em relação à quantidade de empresas brasileiras exportadoras.

No tocante à sua estrutura, os cinco principais grupos de produtos da pauta exportada pelo Brasil para a Alemanha, em 2011, foram os seguintes: minérios (21,6% do total); café (18,8%); máquinas e aparelhos mecânicos (9,1 %); ferro fundido e aço (8,2%); e farelo de soja (6,4%). Os embarques de café registraram expansão de US\$ 540 milhões relativamente ao ano de 2010.

As importações brasileiras originárias da Alemanha, por sua vez, atingiram US\$15,2 bilhões, em 2011, o que significou expansão de 21,2% em relação aos dados do ano de 2010. Com esta cifra, a Alemanha ocupou a quinta posição entre fornecedores brasileiros, após os Estados Unidos, China e Argentina. A Alemanha foi o principal fornecedor do Brasil no âmbito da União Europeia, responsabilizando-se por 32,8% do total das aquisições brasileiras originárias do bloco.

A pauta adquirida do mercado alemão tem-se concentrado em produtos manufaturados, segmento que representou, em 2011, 95% do total das importações brasileiras originárias da Alemanha. Foram os seguintes os cinco principais grupos de mercadorias adquiridas pelo Brasil da Alemanha, em 2011: máquinas e aparelhos mecânicos (28,9% do total); veículos e autopeças (14,1%); máquinas e instrumentos elétricos (9,1%); produtos farmacêuticos (7,6%); e produtos químicos orgânicos (7,3%).

Desde 1992, o comércio bilateral tem sido superavitário para a Alemanha. Em 2011, o déficit contabilizado pelo Brasil no comércio bilateral foi de US\$ 6,2 bilhões – o terceiro maior das transações comerciais brasileiras no ano.

Os ingressos de investimento da Alemanha no Brasil, entre 2001 e novembro de 2011, somaram cerca de US\$ 11 bilhões, segundo dados do Banco Central. Os principais setores de destino de investimento alemão são: fabricação de produtos químicos, automóveis, componentes automotivos, eletrodomésticos, construção de edifícios, energia e serviços financeiros (resseguros).

Estima-se que cerca de 1.200 empresas alemãs estejam instaladas no Brasil, o que representa o maior parque industrial alemão fora da Alemanha. Calcula-se, ainda, que a contribuição dessas empresas para a formação do Produto Interno Bruto (PIB) brasileiro corresponda a, aproximadamente, 8%.

O Brasil, por sua vez, investiu cerca de US\$ 370 milhões na Alemanha entre 2006 e 2010, último ano em que o Banco Central registra ingresso de investimento brasileiro no país. Entre as empresas brasileiras mais importantes com atuação na Alemanha estão a Sabó, fabricante de componentes automotivos, e a Magnesita, empresa de mineração e processamento de refratários.

Brasil e Alemanha têm longa tradição de relacionamento, com elevado nível de diálogo político, consonância de visões sobre temas da agenda internacional e ampla proximidade social e cultural. Contribuem para tanto o grande número de brasileiros de origem alemã e a elevada presença de comunidades brasileiras nas principais cidades alemãs. Em linhas gerais, as visões políticas entre os dois países são coincidentes em múltiplos temas da agenda internacional, sobretudo na promoção dos valores da democracia, do respeito ao Estado de Direito e dos direitos humanos.

Diante do exposto, julgamos que os integrantes desta Comissão possuem os elementos suficientes para deliberar sobre a indicação presidencial, nada mais podendo ser aduzido no âmbito deste Relatório.

Sala da Comissão, em 06 de dezembro de 2012.

Senador FERNANDO COLLOR, Presidente

Senador PAULO BAUER, Relator